

Organização:
Alexandre Brito, Celso Gutfreind, Dilan Camargo

Sob as águas, sobre a esperança

Antologia poética sobre as enchentes no RS



editora **BESTIÁRIO**

Copyright © 2024, dos autores.

Editor: Roberto Schmitt-Prym

Capa: sobre obra de Laura Castilhos

Todos os direitos desta edição reservados.



Rua Marquês do Pombal, 788/204
90540-000 - Porto Alegre, RS
Fones: (51) 3779.5784 - 99491.3223
www.bestiario.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

S677 Sob as águas, sobre a esperança: Antologia Poética sobre as
enchentes no RS / organizado por Alexandre Brito, Celso Gutfreind,
Dilan Camargo. - Porto Alegre : Bestiário, 2024.
96p. ; 14cm x 21cm.

Inclui índice.
ISBN: 978-65-6056-062-8

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Brito, Alexandre. II. Gutfreind,
Celso. III. Camargo, Dilan. IV. Título

2024-1361

CDD 869.1
CDU 821.134.3(81)-1

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Poesia 869.1
2. Literatura brasileira : Poesia 821.134.3(81)-1

Organização:

Alexandre Brito, Celso Gutfreind, Dilan Camargo

Sob as águas, sobre a esperança

Antologia poética sobre as enchentes no RS

editora **BESTIÁRIO**
Porto Alegre, 2024

Sumário

Alexandre Brito	9
Altair Martins	11
Ana Lasevicius	13
Armando Trevisan	14
Athos Ronaldo Miralha da Cunha	15
Caio Riter	17
Carlos Nejar	18
Caroline Milman	20
Cátia Castilho Simon	21
Celso Gutfreind	23
Colmar Duarte	25
Cristian Verardi	27
Dani Langer	28
Demétrio de Azeredo Soster	29
Dilan Camargo	30
Eleonora Medeiros	31
Élvio Vargas	33
Fernando Fiúza	34
Fernando Neubarth	35
Gabriel Perissé	38
Gabriela Silva	39
Gláucia de Souza	41
Helena Terra	42
Jairo Luiz de Souza	43
Jonata Nunes	46
Jorge Rein	48
José Eduardo Degrazia	49
José Nedel	52

José Weis | 53
Laís Chaffe | 54
Liana Timm | 55
Lilian Rocha | 56
Lucas Krüger | 58
Luciane Slomka | 59
Lucio Carvalho | 61
Luís Dill | 62
Luiz Coronel | 63
Manuela Lopes Dipp | 65
Márcia Funke | 66
Maria Alice Bragança | 68
Maria Carpi | 69
Marilice Costi | 70
Marlon Almeida | 72
Michelle C. Buss | 73
Milene Barazzetti | 75
Myriam Beck | 76
Nil Kremer | 78
Osmar Ransolin | 79
Paulo Soroka | 81
Pedro Gonzaga | 83
Ricardo Silvestrin | 84
Roberto Schmitt-Prym | 85
Rodrigo Carpi Nejar | 86
Rogério Gomes | 87
Rossyr Berny | 89
Rudi Renato Jr. | 91
Sandra Santos | 92
Thomaz Albornoz Neves | 93
Vera Ione Molina | 94

Apresentação

A ideia, desde o começo, foi levar alguma poesia para as muitas vítimas das enchentes no RS. Poderia parecer secundário, mas toda prosa lúcida diz que não é. A poesia faltou antes da catástrofe e será necessária depois.

Não havia tempo para maiores preparações e, no chamado aos poetas, era preciso entrar logo neste bote.

Então, faltou até o mote de pedir que fosse um texto sobre a enchente. Perdão, Drummond, mas esse acontecimento demandava poesia.

E veio muita, com poemas diretos no tema, outros ao largo, pouco importa, vieram poemas líricos, épicos, dramáticos, gauchescos, para crianças, adultos, adolescentes, mas a poesia tem idade? Importava mesmo era mantê-la viva que, sem poesia, nada se constrói ou reconstrói.

A todas essas e aquelas, diversidade é uma das marcas maiores dessa obra.

Alguns textos flertam com a prosa, outros até a adentram, mas não seria a hora de discutir gêneros literários ou não incluir toda expressão. Entre os autores, acadêmicos, não acadêmicos, consagrados, jovens, vítimas que perderam suas casas e suas bibliotecas e, muitas vezes, a leitura dos originais fez os organizadores chorarem como choram, fora das páginas. Importa é que 59 poetas aderiram à causa e mergulharam nas suas consequências.

Na correria das águas, nomes foram esquecidos, alguns lembrados não tiveram tempo de enviar. Deve haver problemas de revisão, erros a mais, concordâncias discordantes, incluindo até os nomes dos autores, mas era preciso ser rápido para espalhar a poesia, o mais depressa possível, e levá-la aos abrigos. Sim, a poesia era urgente. Sim, a poesia abriga. Não havia tempo, e fomos assim mesmo,

salvando o que dava de poético, mesmo sabendo que uma perda na arte não se compara à da vida, embora também se saiba que ambas, vida e arte, precisam viver juntas e essa pode salvar aquela.

Dois poetas gaúchos, parceiros de empreitadas menos urgentes, tomaram essa iniciativa e logo foram acolhidos por um terceiro e por um editor-poeta, todos conterrâneos que se dispuseram a fazer um livro, sem custos, para ser doado, falado, distribuído, onde for possível, e assim será.

No entrevero de contribuições, chegou um poema do Nordeste. O convite havia sido feito aos poetas gaúchos, mas, no ruído, como recusar uma doação que, mesmo abstrata, tem serventia de água, afeto e pão?

Sabemos o quanto um poema precisa de tempo para se tornar maduro, daí o nosso agradecimento enorme a todos que entenderam o sentido da urgência, abrindo mão da obsessão diante do perfeito e do que tentava ser definitivo na arte, neste momento em que a vida nos assegura que ela também não é.

Em meio ao caos, uma convicção foi sentida sempre: a palavra também é abrigo, especialmente se encontrar o ritmo, este que nos acolheu desde o princípio e nos acolhe agora.

Os organizadores

Alexandre Brito¹

Chovia

chovia
chovia cachos de uvas
e cada uva que caía
batia no coração

e onde não chovia
entre um pingo e outro
sol fazia
sol amarelo ouro
de girassol e rouxinol
sol de iluminamento
sol de clave de sol

mas a trovoada troou
e o trovão trovejou
e era uma trova ríspida
meio lágrima, meio líquida
feito lamento de vento
na curva do pensamento

e chuva choveu de novo
chuva de gema e clara de ovo
chuva fora do normal
descomunal
de ovo não mais oval

¹ Escritor, compositor, articulador, cultural.

chuva sem sala de aula
sem recreio
chuva sem caminho do meio
sem ponto final
chuva sobre chuva
demasiada
chuva clave de sal

maior que tromba de elefante
que orelha de gigante
maior que o maior autofalante
que baleia cantante

depois da chuva passada
uva branca
uva preta
uva passa, veio a vó
e fez sagu de panelada

doce como
segredo de abelha
desejo de estrela
luz de lua batendo na telha
lembrança de infância
derramada na areia.

Altair Martins¹

Não serei a imagem de um cartão-postal

Para os amigos e parentes de Guaíba e Eldorado do Sul

Na margem ofendida do lago
eu não serei o que foi um caibro de cedro,
nem serei o que foi um pote de sorvete,
nem o que foi a bola que agora
é uma casca de fruta custando a apodrecer.

Não migrarei para a água ferida
que ainda se mexe
mesmo sem sangue.
Também não fugirei no barco da fotografia
que aprisiona um horizonte.

Muito menos aceitarei a areia cansada
ou os móveis que mergulham
à espera do esquecimento.
Não verei o televisor
que me fez esquecer
e será esquecido
pelos peixes que não precisam sorrir.

Falo
antes do oxigênio
e sua marcha ruiva
nos safanões da pele,
e sua neblina branca
na tarde dos olhos.

¹ Altair Martins (Porto Alegre, 1975). Professor da Faculdade de Letras e de Escrita Criativa na PUCRS. Publicou *Labirinto com linha de pesca* (poesia, 2021) e *A paisagem presa na coleira* (poesia, 2023).

Escrevo
antes da tosse
e dos verões que virão ranzinzas
depois que a chuva vomitar os mortos
que nunca tiveram nome.

Na margem triste do lago
eu desejaria ter o luxo de ser a nuvem:
mais leve do que prestes a morrer.

Por enquanto
prefiro não ter mais bandeira
e sarar dos lugares que ocupei
porque eram lugares de homens brancos.
E não quero trabalhar de casa,
por mais que isso renda,
porque assim deixarei de almoçar entre os amigos.

Na margem morta do lago
terei a decência de ter dito não.

Ana Lasevicius¹

Mais-valia

Havia um homem vivo numa vala. Lá ele dormia, vivo. Valha-me Deus, vivo! Respirava, e ninguém ouvia.

O homem da vala ninguém via. De manhã, o orvalho cobria a pele fria sobre suas veias quase vazias.

De noite, veio a chuva. A enxurrada. A água, o esgoto, o Guaíba. O homem da vala não foi velado. Esvaiu-se.

¹ Ana Lasevicius, escritora e ilustradora; paulistana radicada há dez anos em Porto Alegre; formada em Comunicação Social e pós-graduanda em Psicologia Analítica

Armindo Trevisan¹

A vida é ainda maior

É quando as águas tornam-se insensatas
e esquecem que elas são irmãs da vida,

que os homens se apercebem de que a vida
é maior do que sua triste solidão.

É dentro de seu medo e sua dor
que eles sentem que a Vida ainda é maior

do que tudo o que a humilha e a destrói.
Maior que a vida é somente o amor.

¹ Armindo Trevisan nasceu em Santa Maria em 1933 e vive em Porto Alegre. Professor universitário e ensaísta, é um dos maiores poetas brasileiros.

Athos Ronaldo Miralha da Cunha¹

Banhos de chuva

Os banhos de chuva
ficaram na infância.
Tanto em Santiago
– lá no Boqueirão –
na volta do Silvio Aquino
como em Ramiz Galvão
nas férias de fim de ano.

Depois da chuva
um cafezinho quente
com cueca-virada
que só a vó fazia.

À noite, o sono embalado
pela chuva no telhado.

As águas não são as mesmas
da nossa infância
da nossa memória afetiva
e efetiva daqueles lugares.

Não temos a fragrância
dos campos.
Não temos mais a luz
dos pirilampos.

¹ Nascido em Santiago, Athos Ronaldo Miralha da Cunha é funcionário aposentado da Caixa Federal. Autor de oito livros de crônicas, contos e um romance: O código Locatelli.

Banhos de sanga
e pitangas nos matos
somente na lembrança.
Santiago e Ramiz
não estão no retrato
deste meu céu gris
em maio de 24.

E que os rios
sigam os seus cursos
em direção ao mar
lá na sua infância.

Caio Riter¹

Falares

Não falo de mim,
falo de nós,
falo de homens, de mulheres,
de tantos e de tantas, bichos e gentes.
Falo de casas às margens,
de pessoas à margem,
de águas que não entendem limites,
de poderosos que não aceitam limites.
Falo de nós, falo deles,
falo de ruas alagadas, de vidas inundadas,
de crianças que – dobraduras de papel –
lançam barquinhos nas vermelhas águas,
teimosas mãos, teimosos sorrisos.

¹ Caio Riter é escritor, mestre e doutor em literatura brasileira. Possui vários livros publicados, com os quais recebeu alguns prêmios e distinções.

Carlos Nejar¹

Antielegia à enchente

Amo a água maternal,
água de me beber o sonho,
ou de ir-me purificando
na chama da luz.
E banha o tempo.

Amo a vegetação
da água, quando
a natureza se acende
no fulgor dos animais.
Ou a chuva que, em ervas,
canta e o sol na água nua,
como mulher que, de amor,
se apura.

Mas chuva, se excessiva,
mata, inunda casas, estronda
cargas de velhas nuvens,
afoga e é como as enchentes
roem a sombra de meu povo,
em tambor bate a fome.
E o desastre não socorre
a imberbe vida.

¹ Carlos Nejar é autor de inúmeras obras de poesia, teatro, prosa. É considerado um dos maiores poetas brasileiros. Membro da Academia Brasileira de Letras.

E vejo ruas, praças invadidas,
com água que nos engole,
água de perversa índole,
ferina, desatenta.
E sei que nosso pampa
na peleja, resiste.

Erguemos a cabeça
e a água não derruba
o povo. Não, a água
não. O povo é mais
que o rio, a enchente.
O povo é força
que brota na semente.
E árvore de gerações
faz a floresta,
que, de crescer,
não cessa.

Caroline Milman¹

Parteiras do mundo

Chão, porta, janela, telhado.
O tamanho da pessoa passa pela fresta
porque um dia ela nasceu.
Quando passa uma, passa várias e
então, as parteiras todas do mundo se reúnem.
(até as aposentadas).

As parteiras não confabulam.
Essas, do mundo, agem em silêncio e concentração.
Se entendem entre elas.
Tiram coisas grandes de espaços pequenos,
Suplicam o grito das criaturas
para que possam encontrá-las
(e encontram)

Lá no fundo do que seria um quarto
de uma casa se lá houvesse uma,
a gaita vai saindo da lama e
num acorde silencioso começa a embalar a chuva.
(que chove)

Quem ainda tem janela pode ver
o som da gaita tentando domesticar a chuva.
E as parteiras do mundo se encarregando do resto.

¹ Psicóloga, graduada pela PUC-RS, psicoterapeuta da infância e adolescência (CEA-PIA) e psicanalista de crianças, adolescentes e adultos (SBPdePA). Publicou em 2012 o livro de poemas *Aqui Jasmim*, vencedor do Prêmio Açorianos 2013, na categoria poesia.

Cátia Castilho Simon¹

Por onde anda Pilatos?

na infância
ouvi histórias de crimes
contra crianças
às margens do Guaíba
e o encantamento
do pôr do sol

águas no meu olhar
medo sedução horror arrebatamento

quem são os culpados
nesta tragédia anunciada?

a criança que transita
sob os olhos displicentes
de mil Pilatos?

ou os que sabem da voracidade
das cheias e dissimulam?

onde estão agora
os que escamoteiam
verdades
rasgam relatórios
negam dados científicos
arreganham ganâncias
roubam presente passado e futuros
de crianças, rios e florestas?

¹ Cátia Castilho Simon escritora, poeta e professora. Integra o Mulherio das Letras/RS, exerce a vice-presidência cultural da AGES, 2023/2024.

por quanto tempo ainda
sujeitos ocultos
ficarão sob o escudo
de simulacros de Perseu?

Celso Gutfreind¹

Sob as águas

sob as águas
tantas águas
e tão grandes

a palavra
é pequena
pouca

e nem sólida
ela é
nas encostas
ou nos vales

o que vale?
não encosta
no pé do ato

sob as águas
no pescoço
sobre a súplica

comida água
água bote
bote água

¹ Psiquiatra, psicanalista, escritor, nascido e residente em Porto Alegre, autor de 58 livros, entre poemas, crônicas, ensaios e infanto-juvenis.

pé de pato
dez remédios
para a mágoa

a palavra
é o que temos
para sermos
sob as águas

Colmar Duarte¹

Cheias

O rancho do pescador,
como um barco, naufragou
ancorado no barranco
que a enchente grande afogou.

Aquele que pouco perde
porque muito pouco tem,
não pode esperar, nem pouco,
senão, se perde também.

Aos corcovos da chalana,
dos remos as rédeas faz,
são esporas silenciosas
os olhos grandes dos piás.

Onde andarão os caminhos,
os rastros onde andarão?
Depois que as águas baixarem
eles reaparecerão.

Trazendo todos de volta
ao mesmo rancho costeiro,
à beira do mesmo rio,
ao mesmo antigo pesqueiro.

¹ Natural de Uruguaiiana, onde reside, Poeta, romancista, tradutor, criador da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul, membro da Academia Rio-Grandense de Letras.

Quantas águas passarão
sem seu destino mudar,
sina de ir e voltar,
remos e linhas nas mãos?

Sonhando com outra vida
num mundo menos vazio,
vivendo à margem da sorte,
morrendo à margem do rio.

Cristian Verardi¹

Caronte à deriva

devolve o céu à terra
o peso de nosso descaso

engole o lodo / respira o choro

o presente afogado
regurgita o preço do passado

navega o choro / amaldiçoa o lodo

a geografia do caos
transmuta a rua de minha infância

acalenta o lodo / transpira o choro

barquinhos de papel
não singram mais suas sarjetas

lodo / choro / lodo

Caronte à deriva se perde nas vielas
alagadas da cidade.

¹ Cristian Verardi é poeta e cineasta. Graduado em Letras pela UFRGS, autor do livro *O diabo belisca meus calcanhares* (Ed. Artes & Ecos, 2017), e membro fundador da Associação de Críticos de Cinema do Rio Grande do Sul (ACCIRS).

Dani Langer¹

Rio Grande

Equilibrado na cumeeira de um telhado
um homem esmurra
as telhas afogadas pela enchente.
Arrebenta.
Do ventre dos escombros
nasce um cão.

¹ Dani Langer é escritora e mestre em Escrita Criativa.

Demétrio de Azeredo Soster¹

idades transbordadas

idades naufragadas
transbordadas

verdades afogadas

desejo
que a gente não esqueça

que a esperança
 não desapareça
 que um novo dia
 aconteça

¹ Demétrio de Azeredo Soster, gaúcho de Porto Alegre, é escritor, professor e pesquisador de jornalismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS). É autor, entre outros, de *O sonho da sombra* (Catarse, 2020).

Dilan Camargo¹

Águas brabas

Virão as águas
pragas bíblicas
verticais
águas de aço
serpentes hídricas
vorazes
medusas líquidas
vertidas da ira da natureza
sem ilíadas, sem lusíadas
na fúria das águas míticas
que pareciam extintas.

Virão as águas
aguçadas
barrentas, brabas
de nuvens híbridas
(sétima antimaravilha)
virão coagular
o nosso plasma
nas veias da alma.
Enquanto durar o dilúvio
cada humano
será sua própria ilha.

¹ Dilan Camargo é poeta. Tem livros publicados para crianças, jovens e adultos. Foi Patrono da Feira do Livro de Porto Alegre em 2015.

Eleonora Medeiros¹

Cozinha de molho

Vamos cozinhar em outro lugar, a cozinha foi inundada.

Pegamos panelas, mas o fogão ficou. Lembrei do livro das receitas da avozinha, mas ele não estava na gaveta. Não sabia que não ia dar para voltar. Não deu tempo de pegar mais nada. A água subiu rápido demais. Subiu como leite que ferve. A gente leva conosco agora estas coisas e pegamos o resto depois, disse isso e puxei a mana para que se apoiasse no meu braço. As receitas do livro da vó, agora moram na memória.

Mas a gente leva as receitas junto, embala os sabores em finos papeis de lembranças. Massa filo, finas camadas, pincelar manteiga entre elas. As canções, as histórias, tudo que é etéreo vai conosco. Cozinhar no seco, no abrigo, mesmo que com os olhos úmidos. Não deu tempo de pegar quase nada.

A Avozinha sempre gostou de abrir a janela e ver o rio. Ver o sol se pôr no rio. Ponha a gema na mistura sempre antes de pôr no fogo. Que bom que ela não viu que o rio arrombou a janela. Os peixes nadam entre as travessas. Ferve o bacalhau no leite depois de dessalgar. Difícil temperar com esperança, difícil dessalgar mesmo com toda esta água, este charque. Quando chegarmos no abrigo, vamos conseguir papelão, jornal para forrar o chão debaixo do colchão. Camadas de molho, presunto, queijo e massa. Tanta gente vai conosco. Vamos nos voluntariar para a cozinha. Quantos sacos de arroz vai precisar para cozinhar pra tanta gente? Quantas xicaras de água? Quantas xicaras de água foi preciso para a cozinha inundar? Colocar o arroz arbóreo no refogado de cebola e alho poró, fritar e despejar a taça de vinho. Não deixar secar. Me-
¹ É escritora de Literatura Infantil, Contadora de Histórias. Patrona de várias feiras do livro do Rio Grande do Sul.

xer sempre. Ir colocando o caldo de legumes aos poucos, sem parar de mexer para o arroz ficar cremoso soltando o amido. Quanto tempo leva o abraço para soltar alívio?

Em um jantar podemos servir entradas, caldos, prato principal e sobremesa. Na chegada terá coleta de dados, café, exame médico, entrega de um kit, uma alimentação mais reforçada, um espaço delimitado para nós três, e no final aquele abraço até soltar amido. A cebola tem camadas translúcidas e a substância que ela solta ao ser cortada, hoje se chama empatia.

O barulho do remo na água turva lembra a colher de pau na panela do caldo. O cheiro de lama é forte, não paro de sentir, não passa. Eu gostava de colocar os pés na lama na beira do rio. Ver os girinos. A única água cristalina na nossa rua são as nossas lágrimas. A dos socorristas também. Vou fazer um arroz com leite, bem temperado com especiarias, para agradecer depois o senhor que nos resgatou. Estão descarregando bastante leite dos caminhões. Este leite tem gosto de piedade, todos estamos pedindo, mas eu queria agora um café com leite. Bem como a avó fazia, ia pingando com cuidado, sabia que eu gostava fraquinho. Quanto de terra precisa para turvar a água? A água vai baixar, mas a lama vai ficar. E esta nem vai ter girino. Com lama a gente não pode cozinhar. Mas a comida vem da terra. A terra do canteiro, onde plantei salsinha e manjerição. A gente tinha hortelã no canteiro, mas secou no pé. Eu queria ter usado. Queria ter lido o livro mais vezes. Será que ele vai estar lá? Será que a letra da vó vai estar toda borrada? Desbotada? Feijão que fica de molho muito tempo, desbota. Feijão tem que deixar de molho na noite anterior. Quantos dias vamos ficar de molho?

Élvio Vargas¹

Ibirapuitã: profissão rio

Nos cerros de Santana
lavraste teu nascimento.
Escriturado no caminho das águas
és operário volumoso
das lavouras que te bebem
andante luminoso das luas que te guardam.
Minguado, resistes ao açoite do sol
à rudeza das secas.
Das aguadas profunda emerge
um murmúrio dos afogados
a elas...se confessam
os filhos de Iemanjá.
Nas praias alguma ninfeta soluça
gozando à volúpia dos remansos.
As pedras ao longo dos anos
perdem a litogravura das lavadeiras.
Os barrancos debruçados sobre as águas
ávidos esperam o dilúvio das cheias
estendendo no varal
- a solidão molhada de uma ternura submersa-
Esta é a tua sina...de moço, velho e doente.
Esta é a verdadeira profissão de um rio...

¹ Élvio Vargas nasceu em Alegrete, membro da Academia Rio-Grandense de Letras. Sua poesia completa, *O almanaque de todas as estações*, foi publicada pela editora Bestiário em 2023.

Fernando Fiúza¹

Chuva malvada

A Chuva é caprichosa
só para quando quer
sua mãe Natureza
não tem moral, nem regra
a Chuva tem a quem puxar
– quem sai aos seus
não degenera.

¹ Fernando Fiúza (1961) nasceu em Maceió, publicou seis livros de poemas, é professor de Literatura na Universidade Federal de Alagoas e fez mestrado e doutorado na França (Grenoble).

Fernando Neubarth¹

Nossa alma de gato

Sete gatos
Sete felinos
Mãe, pai, cinco gatinhos

Sete mais sete
Três vezes sete
Vinte e uma horas
À espera, em vigília
No sótão da casa onde nasci

Junto a eles, nossa tia
A última das nossas tias
Cadeirante, acamada
Por duas anjas carregada
Escada condenada acima
Com a permissão dos cupins

Mar de água
Lama
O susto
Subjugou a madrugada
Invadiu o casarão

¹ Fernando Neubarth é médico e escritor. Escreve contos, crônicas, poemas, ensaios. Premiado com o Açorianos, Henrique Bertaso e Nacional para Médicos Escritores.

Um dia, a inquieta menina
Decidida, subiu no telhado
Do paiol que de abrigo servia
Aos aparatos da roça, da lida

Sombrinha vermelha aberta
Segura de si, sonhava voar

Um grito de júbilo, e pulou
Do voo a queda foi ao chão
A palha do milho debulhado
Serviu de pouso e colchão

Sete gatos
Sete felinos
Mãe, pai, cinco gatinhos
Cada qual com sete vidas
No sótão da casa onde nasci

Lá também nasceu nossa tia
A última das nossas tias
Conta essa noite cem anos
Soma mais que sete vidas

Pinta, borda, faz crochê
Cuida das próprias unhas
Mãos e pés, vistoso esmalte

Ordena que ao relógio do avô
Não falte a corda bem dada
Garantia à cadência do tempo
Saga familiar preservada

Da nossa felina tia
Um grande filme faria Fellini
Ou Cukor, De Sica, Kramer, Lumet
Daniel Mann, Monicelli, Visconti, Renoir
Roberto Rossellini ou Pier Paolo Pasolini

Para vivê-la nesse roteiro
História digna de cinema
Só uma atriz seria capaz
Anna Magnani, a indômita
Tigresa, bravura, paixão
Dilúvio em forma de gente

Sete gatos
Salvos da enchente
Sete gatos sobreviventes
Mãe, pai, cinco gatinhos
Nós, e a nossa tia também.

Gabriel Perissé¹

Impaciência

tudo o que aconteceu
ontem anteontem
ficou depositado
 não me pergunte onde
as infinitas disputas
quem tem razão
quem não tem razão
 não me diga mais nada
carros em velocidade
homens mulheres crianças
procurando alimento nas lixeiras
 não me venha com poesia
o calor do corpo amado
pouco a pouco se esvaindo
saudade solidão
 não me faça confidências
videntes prometem rever
sábios prometem explicar
a morte um dia também morrerá
 não me peça paciência

¹ Gabriel Perissé, escritor, poeta, tradutor, professor, palestrante, autor de mais de 30 livros.

Gabriela Silva¹

A grande noite

A grande noite trouxe as águas
E eram muitas e tantas
Que a sede se tornou medo
E qualquer sumo, pesadelo

A grande noite roubou o sono
Soltou bruxas e demônios
Solidão e fome
Abandono e doença

As entranhas de todos os bichos
Foram consumidas e a carne se desmanchou
A terra apodreceu seu ventre
Encharcado pela água do céu e das lágrimas

Homens e mulheres
Semearam o pavor
Única semente a brotar
Do solo pútrido

O mundo perdeu seu tempo

Quando a chuva passar
Quando pudermos sair
Quando a alegria voltar
Diziam todos em suas lástimas

¹ Gabriela Silva é doutora em Teoria da Literatura, poeta e professora de Estudos Literários na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Campus São Lourenço do Sul.

Parece que amanhã teremos estio
Dizem os mais antigos
Espiaremos sobre os escombros
Para vislumbrar algum presságio

E seremos os únicos, ruínas de ossos e peles
A esperar o dia
A fugir da morte
Pela certeza da vida

Gláucia de Souza¹

Fluidez

Não trair
A matéria das águas
Que fluem pelos rios
E desaguam em fios,
Esculpem paredes,
Cultivam seus cursos
E sempre traçam
Seus próprios impulsos.

Não parar
O recurso do mundo,
Ir do topo até o fundo
E chegar sem planos
À essência do tempo,
Cruzando os anos,
E seus dias minutos.

Bordar cada folha molhada
Que do tanto que nada
Vai morar no oceano.

¹ Gláucia de Souza é escritora, nascida no Rio de Janeiro e residente em Porto Alegre desde 1994. Tem mais de 30 livros publicados, a maioria de poemas.

Helena Terra¹

Dias Ateus

Nesta geografia
neste ano par
sobre os destroços
dos sonhos
e do trabalho
desprendidos
da sorte
e das mãos de
quem labuta
atados aos ossos
e dedos
dos responsáveis
despreparados
para a violência
das águas
crianças
mulheres
e homens
como num filme
proibido
para menores
contemplam
corpos
barcos
e botes
enquanto serpentes
comem maçãs
e trocam favores
diante dos olhos
incrédulos
de Caronte.

¹ Helena Terra é autora dos romances: A condição indestrutível de ter sido, Bonequinha de lixo e Os dias de sempre.

Jairo Luiz de Souza¹

Poesia na alma

Meu nome é Jairo Luiz de Souza. Sou escritor. Sou morador do Bairro Harmonia, Rua José Verissimo, 252, em Canoas-RS. Sou coordenador da Biblioteca Comunitária Dilan Camargo, situada no mesmo endereço. São quatro décadas morando no lado oeste da cidade, com quinze anos dedicados a compartilhar a leitura com a comunidade, principalmente com as crianças.

Diversas vezes sofremos com as questões climáticas, enfrentando chuva de granizo e temporais. Em vários casos tivemos o telhado destruído, além de outros prejuízos. No entanto, em todos os casos tivemos a colaboração de amigos para recomeçar. No último temporal, com muito esforço, conseguimos trocar todo o telhado da biblioteca por telhas de zinco. Duas semanas antes do dia 4 de maio desse ano separei os livros por autor. O acervo ficou muito bem organizado e limpo. No fatídico dia 4 as notícias começaram a chegar sobre a possível inundação do bairro.

No início, não acreditei achando que fossem apenas boatos. A tarde foi passando e a preocupação aumentando. Por ser deficiente físico não tinha como erguer os móveis da minha casa, muito menos proteger os livros da biblioteca de uma eminente enchente. Por volta das 18h, muitas pessoas haviam mandado mensagens de que o Bairro Mato Grande, ao lado do meu, estava sendo inundado. Exatamente às 19h um vizinho veio me avisar de que o dique da Vila Mathias Velho havia se rompido. O pavor tomou conta de nós. Não sabíamos para onde iríamos e quem poderia nos buscar, já que nossas filhas moram em Porto Alegre e

¹ Poeta, cronista, contista.

não havia mais nenhum acesso a Canoas. Juntamos poucos pertences, a nossa cachorra, a Lola, e ficamos esperando auxílio.

Felizmente um casal amigo, Jorge e Carol, souberam da nossa situação e vieram nos buscar. Deixamos a casa por volta das 20h, contemplando entristecidos o nosso lar e a biblioteca. Tudo ficou para trás com a esperança de poder voltar um dia e recomeçar a nossa rotina, reencontrar os vizinhos, o mercadinho, a farmácia, e o Sacolão, lugares que frequentamos quase que diariamente. Particularmente, o que mais me doeu foi deixar a biblioteca, como também a minha casa, imaginando o que poderia acontecer com os quase os quatro mil livros que com tanto zelo reuni, principalmente com doações de pessoas e instituições. Na biblioteca eu tive a realização de muitos sonhos. Realizamos lançamentos de livros, oficinas de cordel, encontros de escritores com alunos da rede municipal e estadual do município. Promovemos festas no Dia da Criança e no Natal, sempre oferecendo livros como o melhor presente. A biblioteca era o local que eu mais me sentia bem, uma energia positiva se apossava de mim. Ficava feliz quando uma criança, um jovem ou um adulto entravam e escolhiam um livro para levar para casa. Dentro do carro do casal amigo que nos resgatou, eu vi imagens que não sairão da minha mente, como por exemplo, vendo boiar nas águas barrentas Machado de Assis, Erico Verissimo, Fernando Sabino, Josué Guimarães, Ruth Rocha, Monteiro Lobato e muitos outros autores da literatura infantil que moram no meu coração. Ver tais imagens me deu um sentimento de angústia e mal-estar. Perder todo o acervo é muito dolorido para quem ama os livros, para quem dedicou uma parte da vida a descentralizar a cultura oferecendo à comunida-

de acesso gratuito aos livros. Dói muito, dói demais saber que os seus sonhos foram engolidos por uma enchente sem precedentes. Sei que milhares de pessoas estão passando por esse momento terrível, cheio de incertezas e de dor. Torço muito para que todos tenham força e resiliência para dar a volta por cima e reconquistar suas casas e seus sonhos. Depois que a enchente baixar vou precisar da ajuda dos amigos com doações de livros de literatura para num futuro breve reabrir a nossa biblioteca comunitária. Também conto com os amigos para conseguir voltar para a minha casa e retomar a vida que tínhamos. Levei muitos tombos em sessenta e dois anos de vida, mas nunca abaixei a cabeça. Apesar de tudo, de todas as mazelas, ainda acredito que a vida só é plena quando se tem poesia na alma.

Jonata Nunes¹

Cada um

Cada um
trouxe seu fardo
cada um
trouxe na bagagem suas dores
cada um
trouxe num pedaço de pano
seus sentimentos
cada um
deixou um pedacinho de si
dentro daquelas águas imundas
que assolou nossas vidas

cada um
trouxe suas histórias
cada um
trouxe suas trajetórias
cada um
trouxe em seus pensamentos
as estrofes de uma noite de desespero

É triste cada situação
É

Dá vontade de chorar
Dá

¹ Jonata Nunes, Gari e Escritor, do Bairro Ríó Branco, em Canoas, lançou os livros de poemas *O tempo é prioritário - Poeta do asfalto e Minhas dores, meus calmantes, meus vícios, meus relaxantes*.

Queríamos fugir pra algum lugar
Sim

Mas nosso refúgio
é dentro do nosso próprio lar

Que se chama coração

Não podemos nos abater agora
temos que unir forças

Não podemos desanimar agora
temos que erguer a cabeça

Pra depois essa história ser contada
de diversos ângulos

Não podemos deixar nossa última chama se apagar sobre
essas águas sangrentas

Vamos manter essa chama acesa

Que se chama Esperança...

Jorge Rein¹

Enchente

e deitou-se a chorar
o céu de luto
como se nem jamais
fosse amainar

somos dois terços d'água
às vezes mais

¹ Poeta, contista e dramaturgo. Nascido no Uruguai, reside em Porto Alegre desde 1971.

José Eduardo Degrazia¹

A cidade invadida pelas águas

Vi a minha cidade ser lentamente absorvida
[pelas águas,
a chuva incessante corroendo os muros carcomidos,
pessoas caminhando pelas ruas invadidas pelo lodo,
ruas onde eu andei, parques e praças
[da minha juventude,
tomadas pelos fluxos que destroem todos os debuxos,
as águas subiram até o teto das casas, os animais
equilibravam-se bravamente sobre breves tetos,
a enxurrada varria auxiliada pelos ventos.

Vi as avenidas, agora tomadas pelos barcos,
os arcos das pontes vencidos pelos leitos de lama,
edifícios invadidos pela soturna folhagem do Dilúvio,
a enorme catástrofe das nuvens obscuras do tempo.

Os velhos bairros de boemia e juventude,
onde bebíamos cerveja até altas horas,
tudo foi sendo tomado pelo barro e umidade,
os cachorros e os gatos perdidos pedem socorro,
uivam em unísono com a melodia do terror
que se mantém à tona feito uma tuba que move a turba
de desalojados, migrantes do clima, novos vagamundos
que perderam suas casas e dormem ao relento
ou sob leves barracas de esquecimento.

¹ José Eduardo Degrazia nasceu em 1951 em Porto Alegre. É poeta, ficcionista e tradutor. Tem livros publicados em muitas línguas e recebeu prêmios nacionais e internacionais.

Vi a cidade que amo sendo invadida,
peixes nadavam nas suas avenidas,
um jacaré pescava na descida
que levava até ao mercado público;
a cidade, lentamente, devorada pelas ondas,
não mais tinha retretas e sonetos,
de helicópteros que salvavam vidas
os sons das hélices visando mundo,
buscando os que perderam tudo e nada.

Vi a minha cidade submergindo,
os gritos de horror das gentes sofridas,
eram sinais de morte e de partida.
Lentamente as pessoas acorreram, com barcos,
[com canções,
com roupas, com alento, voluntários
[da vida entretecida,
levaram água e comida, remédios, amor e poesia.
Ninguém nunca viu tanta dor e tanta gente partindo,
mas, ao mesmo tempo, tanta gente trabalhando,
cuidando, atendendo, para salvar.

Desde a margem destruída do lago,
desde a face mais escura do destino,
escuto vozes que pedem socorro,
gente, animal, e planta, soluçando.

A mão do homem destruiu a natureza,
agora está pagando o que foi feito:
são as catástrofes que estão vizinhas.
que afogam, matam, destroem, vitimam,
independente do que pensam os negacionistas.
A minha velha cidade se esboroa feito castelo de areia,
sempre a imaginamos forte, indestrutível, invencível,
mas chuvas duras nas cabeceiras dos rios deflorados,
derramam gosma, lodo, cospem vilania.

Diante da minha cidade destruída,
ajoelho pedindo aso deuses que iluminem
os senhores do dinheiro e da política,
para que pensem o futuro além do lucro,
para que o tempo não seja apenas morte,
e que não tenhamos apenas lacre
a tapar a nossa boca.
Só assim a cidade será permanente,
e nos absolverá dos crimes cometidos
pelos bandidos e pelos inconsequentes.
Só assim não seremos inclementes.

José Nedel¹

Sobrevivência & Reconstrução

Não provêm as catástrofes do nada,
Sempre há uma causa ou várias concorrentes.
O acaso é tese falha e descartada
Pelos que têm nos olhos boas lentes.

Não consta, ao mais, na história bem contada
Alguém de nosso entorno ou de outras gentes
Que não tivesse tido uma topada
Com azar, desgraça, secas ou enchentes.

Forças atuando em brava sinergia
Ameaçam instaurar em nós fobia
Ante um porvir incerto presumido.

Resista-se, sem outra via sequer
Do que no instante ousar sobreviver,
Para ter mundo, após, reconstruído.

¹ José Nedel (1934-). Natural de Itapiranga, SC, é formado em Letras Clássicas, Filosofia e Direito, Mestre e Doutor em Filosofia. Juiz de Direito e Professor aposentado. Membro da Academia Rio-Grandense de Letras. Autor de muitos artigos em jornais, revistas e obras de autoria coletiva, bem como de verbetes em dicionários e de mais de duas dezenas de livros individuais, a maioria com teor filosófico e humanístico.

José Weis¹

Levantes dos rios, mortos vivos

Séculos submetidos a maus tratos
um dia as suas águas se revoltam
desde o céu, chuvas arrastam os vivos
humanos, bichos, livros
tudo que as águas encontram pela frente
enquanto helicópteros atravessam os céus
levam e trazem socorro
barcos cortam as águas resgatam vidas
voluntários, militares, profissionais de saúde
amparam, carregam, curam, escutam...
ajudas vêm de todos para todos
uma corrente contra a enchente

¹ José Weis nasceu em Porto Alegre, RS, é jornalista diplomado. Participou nos anos de 1990 do grupo Vício & Verso, ao lado de Celso Gutfreund e José Antônio Silva. Autor de *Lenhador de Samambaias* (IEL, Coleção Originais, Porto Alegre, 2012).

Laís Chaffe¹

Para quando baixarem as águas
para quando, afogados os ogros,
para quando secarem os egos
Deus Prometeu, finalmente, o fogo.

¹ Poeta, contista, editora e cineasta. Premiada no Festival de Cinema de Gramado.

Liana Timm¹

encolhida entre o cais e a vida
vou além da margem
buscar os limites do humano

a natureza em rebelião
afoga a inoperância
de quem negligente
vira as costas
pouco se importa
com os ventos

tudo é planejado
ao abandono da quietude

na mesa do café
o desenho da toalha
serve à arrogância
em cobertas de prata

o descaso põe fim ao retratável
derrete as âncoras
sem lástima nem vergonha
num mórbido prazer egoísta

a paisagem não mais nos acolhe

¹ Liana Timm é multiartista. Transita pelas artes visuais, pela literatura, pelas artes cênicas e pela música. Publicou 69 livros, destes 20 são individuais de poesia. Recebeu 17 prêmios nas diversas áreas de atuação.

Lilian Rocha¹

Ouço pingos de chuva

Ouço pingos de chuva
Coração acelera
Na mente imagens
De uma tragédia
Anunciada e não evitada.
Ouço pingos de chuva
Coração acelera
Lembro dos abraços solidários
Da falta d'água potável
Das águas barrentas
Do nosso amigo Guaíba
Pergunta onde está
O mais lindo pôr-do-sol?
Choro a morte
Encharcada da incompetência
Do descrédito
Da crise climática
Choro
Como pingos de chuva torrencial
Em um manancial
De ajuda voluntariada.
Ouço pingos de chuva
É Gaia chorando
Pois seus filhos
Não aprenderam nada
E as bençãos da água sagrada
Foi transformada

¹ Lilian Rocha é natural de Porto Alegre/ RS. É analista clínica, escritora, musicista, educadora biocêntrica, ativista, nasceu poeta e tem seis livros autorais.

Em medo, desolação,
Calamidade.
Ouço pingos de chuva
E homeopaticamente
Quero esperarçar
Quero acreditar
Que dessa vez
Faremos o tema de casa
Pois a conta
Foi muito alta
Aprendemos por repetição
Mas cometer os mesmos erros
É burrice.
Ouço pingos de chuva
E o meu coração dispara
Desnudo-me
Mergulho
E no meu pulsar
Vibro com outros corações
A ressoar comigo!

Lucas Krüger¹

Sem título

A casa onde vivi 20 anos já não é
lar conforto colchão

Como dar abraço no ar,
catar memórias sem chão?

Para onde vai o abraço da terra
quando a fúria da água só afoga?
Onde ressoa o eco quando falta a palavra?

Mesmo entre as sombras que se alongam
eu vivo do fogo - ignis - que guardo
bem no nome e no amor de meu filho

No gole do resto, na centelha final
junto aos ossos de meus cães
há tanto enterrados no quintal

eu ainda estou respirando.

¹ Lucas Krüger, dentre outras publicações, é autor de *O sonho da vírgula* (2015) e *Homenagem à nuvem* (2017), livros de poemas, e de *Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise* (2023), voltado ao público psicanalítico.

Luciane Slomka¹

Boia

Na casa submersa boiam objetos pessoais
[da mãe cansada
Materiais escolares do filho pequeno
Escamas de paredes navegam e se desmancham
[no tempo

A rua da infância vira canal para a água descontrolada
porque, coitada, não teve para onde ir
Foi tomado de cidade tudo que antes era mato

Não deram caminho para as águas correrem
agora quem corre delas somos nós

Estou afogada no sussurro
de minha gente desabrigada.

Poesia é abrigo, mas não concreto,
Sustento, mas não matéria
Beleza, mas não a penteadeira da bisavó

Eu, que de nascença fui deserddada de memórias
pelas guerras dos meus ancestrais
Vejo agora deserddados de lembranças
por outro tipo de guerra.

¹ Luciane Slomka é psicanalista, professora universitária e escritora. Natural de Porto Alegre (RS).

Não são objetos, são de ene a
Não são roupas, são a epiderme de
 [uma identidade afetiva
Chora um estado em
estado de calamidade
Cala uma noção assustada

Coisas não são coisas
Coisas são histórias,
abandonos de outras

Afogo no corpo das palavras encharcadas
Tentando respirar um futuro

Estou cansada de boiar
Para tentar enxergar o céu

Lucio Carvalho¹

Ramada

O delicado costume que a água tem
de ser varrida à distância
para que o oceano a inunde.

A paciência anônima da pedra
entre outras pedras iguais
para que se erga a muralha.

O dia em que pensei ter nascido
e era apenas um dia idêntico
aos demais, dos tantos no calendário.

A suficiente manhã, sua luz sem preço
que é só a ausência da noite –
esta, sim, essencial.

O vento que não é nada, movimento
vulgar das ramas no sopro
insensível da ramada.

¹ Lucio Carvalho é escritor e editor da revista literária Sepé. Autor de, entre outros, “La Minuana” (TAN / 2023) e “Inventário” (TAN / 2022).

Luís Dill¹

outono deságua
o grito líquido
das nuvens

¹ Luís Dill nasceu em Porto Alegre em abril de 1965.

Luiz Coronel¹

As águas de maio

poema testemunhal

Riscam os céus trovões e raios,
era o mundo vindo abaixo.

As ruas virando rios,
becos virando riachos.

Famílias em desespero
derrubam o teto, o forro
e, de pé sobre os telhados,
abanando por socorro.

Barcos, canoas, caiaques
remam remos agitados,
colhendo vidas humanas,
legiões de desabrigados.

Tantas “lágrimas na chuva”,
há tanto pranto incontido.
Quantos mortos são os mortos,
quantos desaparecidos?

Helicópteros, ambulâncias,
ensurdecedor alarido.
Templos, salões, escolas,
improvisados abrigos.

¹ Luiz Coronel, sem aplausos ou vaias, um poeta, ansioso por dizer da vida o seu pesar e encantamento.

Uma casa submersa
foi pedestal ao desvelo,
à heroica resistência
do “Cavalo Caramelo”.

Desnudaram as montanhas
e a vegetação das encostas,
a natureza, algum dia,
viria dar sua resposta.

Mas, do fundo da tragédia,
inesperado calvário,
brota na alma do povo
aquele sentir solidário.

Os rios têm seu destino,
andar em busca do mar.
Não culpem os nossos rios,
“as águas querem passar”.

Não procure os culpados.
Jogue ao poder o seu pleito.
Avalie o que faremos,
o que deixou de ser feito.

Virão obras engenheiras
dando aos rios novo percurso.
Valas, diques e muradas
dispensando-se discursos.

Mas não estamos sozinhos,
mundo abaixo, mundo acima.
Seja o futuro tão belo
qual por de sol do Guaíba.

Manuela Lopes Dipp¹

Linhas e traços
Dividem e cortam
1941 e 2024
A mesma água invade
A igual desesperança
Deságua

Meu bisavô, Salvador de Rose, alfaiate
E eu, costurando versos e cobertores

Não aprendemos nunca com o passado

Permanecemos tecendo
Destino.

¹ Poeta, coordenadora do Sarau da Invencionática, curadora do Selo Invencionática da Editora Bestiário e advogada.

Márcia Funke¹

Menino barco

O menino amava o rio
Ele era sempre novo, dizia o avô
Sem pressa, tranquilo
Levava os seus barquinhos de papel

Era bom vê-los partindo
até sumirem de vista
atravessando o horizonte
na busca de sonhos escondidos

Um dia, o rio chegou
E nem bateu na porta
Foi entrando, bem depressa
sem pedir licença

O menino quis ficar
Mostrar seus desenhos
Sua coleção de pedrinhas
Fazer dobraduras

Mas o pai, mais ligeiro que o rio
Com seu braço anzol
Levou-o pro alto
Pra perto do céu que chovia

A mãe chovia também
Agarrada ao menino

¹ Márcia Funke Dieter, nascida no RS, é escritora, contadora de histórias e palestrante. Tem vários livros publicados, em especial, para o público infantil.

Que não queria deixar
A visita abandonada, sozinha
Ele queria chegar mais perto
Ter um dedo de prosa
Com o vizinho que chegou
Veio ao seu encontro

A mãe segurava-o firme
Assim como o avô segurava o rosário
Ela rezava aqui, o avô acolá
E o pai no silêncio, acompanhava

Demorou, mas o céu secou
E, aos poucos, foi sorrindo estrelas
E alumiu o peito do menino
Que cresceu, cresceu, cresceu até virar barco

Barco que deslizou pro rio
Rio que o esperava, feliz
O menino amava o rio
Ele era sempre novo, dizia o avô

Maria Alice Bragança¹

Lua nova em touro

Habita-me um sentimento sem nome.
Penso na palavra tristeza,
mas ela não dá conta.

Chuva fraca sobre Porto Alegre,
tão pouco alegre nesta quarta-feira.

¹ Maria Alice Bragança nasceu em Porto Alegre, cidade de seus amores e de sua vida inteira. É poeta e jornalista.

Maria Carpi¹

Nasci em Muçum às margens do Taquari.
Fomos cortando uma a uma as árvores
à sombra de Muçum. Fomos deixando o leito
do Taquari e seus afluentes sem o amparo
das encostas de flores e frutos. O açúcar
dos canaviais morro adentro agora salga
nossas lágrimas. Os peixes e as tartarugas
afundam em Muçum e as chuvas afogam
o rio sem a balsa dos sonhos que enfermam
o sonhador das encostas alagadas. Muçum
aos pés de Nossa Senhora dos Navegantes,
enlaçava a prosa e a poesia da existência
e de quebra fazia Cristóvão Colombo
descer da barca e se ajoelhar na praça.
Muçum e o Taquari agora doendo em mim.
E a dor é uma pessoa doendo em mim.

¹ Poeta e Defensora Pública nascida em Muçum, recebeu o Prêmio da APCA pelo livro de estreia *Nos gerais da dor*.

Marilice Costi¹

A Pátria no meu chão

Arquetípica resiliência do sul
no Rio Grande se espalha
remexe parte de mim em tempo de ser forte
e acolho lugar e memória

Décadas de megafone - tantos surdos!
Deus também cansa do desamor

o asfalto do descaso engoliu sarjetas
vedou bocas, antes de lobo,
hoje gargantas que engolem um todo

o cenário é de guerra
espelho de coletivo adeus
Deus brasileiro?
o abuso de tantos
que invocaram sua palavra em vão

o Rio Grande sangra
no varrer das águas, são veias
e carimbam o mapa dos corpos

tudo chora mais que eu,
no soluço eterno das casas outrora segura
colos procuram abrigos
colos se esparramam

¹ Escritora e poeta (Prêmio Açorianos 2006). Especialista em Arteterapia. Mestre em Arquitetura, Urbanista. Editora da revista O Cuidador. Cadeira 7 da Academia Literária Feminina do RS.

olhos bloqueiam a palavra
oceano impotente frente à fúria
de quem tanto já sangrara

erguem-se mãos em rosários
mães suplicam por Maria
e reivindicam: Deus! Volte!
Esquecemos o caminho.

enquanto o fluido da vida regurgita
busca o equilíbrio e quer o antigo leito
as águas revolvem interiores
as almas se estraçalham

mas geram correntes que se fundem
em corações que se abrem solidários

Sirenes! Holofotes! Vozes!
Tudo é grito que se move
aves descem do céu, golfinhos singram águas, anfíbios
enfrentam solos
universo de invisíveis cuidadores
que ao tempo todo aporta

Marlon Almeida¹

Partiu, a roupa do corpo
a esperança na manga.

Partiu, no vidro dos olhos o rio,
no fundo a lembrança:

àquele que roga
a fé não costuma falhar.

E canta.

¹ Professor de Literatura e Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação/UFRGS. Professor do Curso de Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura CAp/UFRGS. Coordenador do Ensino Médio CAp/UFRGS. Membro do grupo de pesquisa de Leitura, Inclusão e Acessibilidade (LEIA).

Michelle C. Buss¹

acordei
era outro agora
outro ritmo cortando o tempo
fumaças de corvos desenhando destinos no céu
a fome, o massacre de sonhos

acordei
sem reconhecer onde
as calçadas povoadas de inexistências
as ruas um cortejo de ilusões
corpos atirados ao chão
em meio a uma multidão automatizada

acordei
sem compreender o tempo
minutos trocados por dólares
o preconceito carimbando documentos de identidade
enchentes de abandono
soterrando aqueles condenados a não ter um nome

acordei
perdida em alguma Cancún de sonâmbulos
portas e rostos fechados
um paraíso artificial de tédio
amordaçando com likes instagrâmicos
a verdade interior de cada um

¹ Michelle C. Buss é filha da Terra, é poeta, cantora, compositora e curadora. Tem cinco livros de poesia publicados, o mais recente pela editora portuguesa Exclamação.

acordei
entre incêndios de ancestralidades e florestas
entre inanes e desanimados
a semântica das sedes pesando as línguas
o medo calibrando armas
desenhando alvos nas cartografias da pele
rotulando artigos gramaticais
etiquetando almas

acordei
em um tempo passado
encharcando o presente
enquanto um futuro incerto debruça-se
sobre o amontoado de inseguranças

acordei

e nesse horizonte em ruínas
o canto do caburé
e a poesia aberta
em pétalas do mandacaru
abriram meus olhos

Milene Barazzetti¹

Procura-se

O cachorro late do lado de cá
Procura um amigo do lado de lá
Quem será?

O gato mia na casa da tia
Procura um amigo que não pia
Quem será?

O pássaro canta no equilíbrio do fio
Procura um amigo que está com frio?
Onde ele está?

O cavalo relincha lá no alto
Procura um amigo num sobressalto
Onde andará?

Cachorro, pássaro, gato
Cavalo e demais animais,
Cada um no seu espanto,
Ouvem o trovão lá no alto!

Cadê o amigo?
Onde ele estará?
Onde andará?

Lá dentro está o amigo.
Lá no alto do apartamento.
Observa atento a chuva,
Que uma hora há de cessar.
E assim a todos novamente... Reencontrar!

¹ Milene Barazzetti é escritora, contadora de histórias e professora.

Myriam Beck¹

Rotina das águas

Noites de tormenta
corpos na correnteza impura
água lamacenta
relâmpagos alumiam o que o diabo
apronta agarrado à cola
do escuro

depois, torna calma, então
uma casinha de papelão molhado
sonha ser branca alvenaria
a mais sábia das galinhas cocorica enquanto cisca o charco
que o extraordinário mata
e um dia calmo se sustenta

uma menina dá à luz e alimenta
seu rebento de colostro gordo,
o suficiente
o amor vence
mesmo encharcado, ao relento
mesmo com dentes apodrecidos
envelhecendo cedo

¹ Formada em Filosofia, funcionária concursada do Senado. Colunista do site Via Política, participou da Antologia de Poetas do RGS; publicou Por causa do vento no bosque (contos).

na cidade dos mendigos naufragados
há grande dignidade no cão sarnento resgatado
e quando o vento congela
a jovem mãe consola
um dia a sorte vira
e a brisa cicatriza
teu narizinho ranhento

Nil Kremer¹

Submergir e retornar

não é Macondo, mas nos sentimos em
[“Cem anos de solidão”

é que tanto resgate, embora amenize
não seca, não enxuga, não faz o tempo voltar
quando o mínimo é o máximo
a perda marca em barro o intraduzível
desmoronam alicerces forjados em história
as vozes de algozes da água ecoarão
[em tempos vindouros

não é o “Ensaio sobre a cegueira”
na cosmovisão a garantia da vida
a garantia de que formigas dependentes
[do ecossistema

teimam em ruminar privilégios, mistério tosco
inexplicáveis derrocadas que findam em nada

é que tanta fissura de dementes daltônicos
é que tanta lacuna que papel não compra
é que tanta onda, maremoto de desespero
não vale o tempero ilusório de uma vida fugaz
em que a barganha é pela cédula
em que a vergonha é ver dia a dia
morrer o humano que há em nós

submergir e retornar

1 Nil Kremer é bolsista mestranda em Educação (UCS). Publicou o livro independente e artesanal *Kamikaze* (Da Gaveta, 2016), da Coletânea *Misterioso Sul- Lendas em poemas* (Elos do Conto, 2018), está na antologia *As mulheres poetas na Literatura brasileira*, organizada por Rubens Jardim e lançada pela editora Arribaça e lançou este ano o Livro *Antes que o torpor vença*. pela editora Patuá.

Osmar Ransolin¹

Não era só um cavalo

Não era só um cavalo...
Era um monumento vivo
Dos andarengos da Ibéria
Que mesclou em cada artéria
Do rubro sangue nativo
O ancestral primitivo,
- Cara limpa, lombo nu -
Que carregou o xirú
Pelas terras missioneiras
E que tombou nas fileiras
Das tropas de Tiarajú.
Não era só um cavalo...
Era a própria imagem
Do Rio Grande açoriano,
Que alargou meridianos
Pelas rotas de passagem,
Era o cavalo selvagem
Rasgando campo e fronteira
Perdido na polvadeira
Ou entre a chuva e o vento,
E que invadiu Sacramento
Com Dom Cristóvão Pereira.
Não era só um cavalo...
Era o esteio da lida,
Que a cada marcha tropeira
Se fez alma aventureira

¹ Osmar Ransolin é poeta catarinense, casado com Franciela e pai de Marco Antonio, Mariela e Marissa. É payador e advogado na cidade de Fraiburgo (SC), e membro da Estância da Poesia Crioula.

Pra ofertar a própria vida,
E nesta saga sofrida
De desbravar o sertão,
Percorreu cada rincão
Desse Brasil continente,
Sustentando nossa gente
Pra erguer uma Nação.
Não era só um cavalo...
Era um herói da terra
Que a história não menciona,
E que o covarde abandona
No entrevero da guerra!
Que vendo a morte, não berra,
Porque engole o sofrimento
- Soldado sem regimento
Da velha estirpe proscrita -
Que foi garupa pra Anita
E montaria de Bento.
Não era só um cavalo...
Era o Rio Grande em pelo!
E no horizonte da incerteza
Enfrentou a natureza
Neste último atropelo,
Tostado sem marca e selo
Pelo-duro que se amansa,
Que na rédea é uma balança
E na vida é um regalo
Cavalo que é bom cavalo
Pro trabalho e pras crianças.
E não era só um cavalo...
Era também um amigo,
E um amigo não fica pra trás...

Paulo Soroka¹

Águas de maio

O céu deságua
por aqui
desaba
inundando vidas
fustigando almas
descolorindo o arco-íris
Humanos náufragos
procuram palavras
para descrever
o indescritível
buscam acalanto
para seu pranto
buscam terra firme
Buscam-se

O planeta segue
em movimento
ondas do mar
mantém seu
vai-e-vem usual
ventos fazem
árvores farfalharem
gente continua
se amando
bebês nascem
a cada novo dia

¹ Paulo Soroka é psiquiatra, membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. É autor de três livros de poemas e coautor de várias coletâneas. Participa de associações literárias.

crianças sonham
com o futuro
Sonham

Somos todos
grãos de areia

Pedro Gonzaga¹

I

não se pede de uma vela
a capacidade de romper a escuridão

uma lâmpada doméstica comum
tem a luz de sessenta velas

um punhado de versos não arde
feito óleo carvão gordura ou gás

revela apenas a sombra dourada
de um rosto humano

ofício mínimo é manter um lume
contra as forças da água e do vento

1 Pedro Gonzaga (Porto Alegre, 1975) é músico, escritor, tradutor e professor de escrita criativa. Desde 2022 vive Buenos Aires, de onde escreve a coluna Buenos Aires: Hora Zero. Recentemente lançou *Porto Alegre blues* (2023), seu décimo primeiro livro.

Ricardo Silvestrin¹

Poema interativo

“Não é hora
de apontar
os culpados.”
É hora
de _____
os culpados.

¹ Ricardo Silvestrin é escritor e músico. Recebeu por cinco vezes o prêmio Açorianos de Literatura.

Roberto Schmitt-Prym¹

ausência de vento
nessa tarde mormacenta -
prenúncio de chuva

tragédia eminente -
um guarda-chuva vermelho
desfila em anúncio

lágrimas de outono

¹ Roberto Schmitt-Prym, é membro da Academia Rio-Grandense de Letras, autor de 14 livros. Recebeu dois prêmios Açorianos, além do Prêmio Jabuti como editor.

Rodrigo Carpi Nejar¹

Onde o coração tem voz

A casa do gaúcho não é um lugar, mas um sentimento.
Mora-se no brio, onde o coração tem voz e a voz é movimento.

O olhar é sempre atento, conformado tanto para o longe como ao que vai bem perto, porque o imenso do Pampa se perde de vista e se reencontra por dentro.

Mesmo quando as pálpebras se fecham, permanece aceso no peito o pavio da esperança, para que os sonhos virem lembrança e sirvam ao lustro da estrada.

Já na marcha extenuada, no esforço de seguir adiante, se o corpo responde, sem nem ter mais por onde, é porque o gaúcho tem a alma calejada.

¹ Rodrigo Carpi Nejar é Promotor de Justiça e poeta. Publicou pela editora Bestiário o livro de poemas *Insana lucidez*.

Rogério Gomes¹

Cinza

Olho para cima e só vejo cinza.
Olho para os lados, para rostos e para os corpos
E só vejo cinza.
As cores foram levadas pela correnteza dos rios
E hoje vivem nas profundezas,
Submersas.

Cinza é a cor do hoje
É a cor da cor
É a cor de tudo.
Cinza é a cor dos olhares
Das vozes e das palavras
É a cor da silhueta das pessoas
Dos sorrisos subtraídos
Da tua dor
E do teu pensamento.

Cinza é a cor do medo dos teus olhos
Das nuvens baixas que te escondem
Do grande rio que transborda
Rebelde em seu leito
E que no seu cinza cruel e infame
Te afoga.

¹ Rogério Gomes é escritor e publicou *Anita e outras poesias fotografadas*, *O grande mestre e outras histórias*, *Crônicas da pandemia*, *Crônicas de Havana*, *O afiador de facas* e *O sul do teu corpo*.

Cinza é a cor do vento
Do timbre de tua voz desesperada
Da tua agonia
Da chuvaafiada
E dos temporais.
Cinza é a cor da despedida
Da morte constante
Dos trovões cintilantes
Do teto úmido da solidão das casas
Do barro podre que amanhã te enterra
Da água suja que carrega teu corpo
Para bem longe de mim
Para bem além da curva do rio.

Rossyr Berny¹

Estado de luto sangrando lamaçais

Por bilhões de anos o planeta
construiu-se íntegro
para entregar-se ao Homem

Em poucos centenários
de Revolução Industrial
combustíveis fósseis
capitalismo canceroso
urbanização descontrolada
esgotamento dos recursos naturais
– provocamos enormes desastres
pelo aquecimento global

Estamos pagando o preço
do apocalipse das águas malcuidadas
Secas mais arrasadoras ainda

Seis biomas violentamos todo dia:
Amazônia Caatinga Cerrado
Mata Atlântica Pampa e Pantanal
– vítimas do lucro a qualquer preço

¹ Rossyr Berny é poeta, escritor, jornalista. Recebeu o Prêmio Açorianos de Literatura e outros; além do Prêmio Jabuti como editor, da Alcance, publicando há 40 anos. Em 2026, com 24 obras editadas, completará 50 anos de literatura. É vice-presidente administrativo da Academia Rio-Grandense de Letras, ocupando a Cadeira nº 39.

Não há humanidade sem água
Mas há águas sem a humanidade
As catástrofes são autodefesas
Vingam o ambiente feito ruínas
Devastam quem devasta

Inundados
por construirmos a destruição
Afogados no dilúvio
que os gananciosos provocam

O Rio Grande do Sul em 2024
é rascunho em preto e branco
De todas as cores possíveis
nenhuma vive por aqui
Afogadas
Salva-nos o milagre da solidariedade

Na pior catástrofe da história gaúcha
cidades e populações são feridas abertas:

Estado de luto sangrando lamaçais

Rudi Renato Jr.¹

o poema deve conter uma verdade
a ínfima parte de um sentimento
enchente levando o coração do poeta
desesperado
a escrever lentamente

1 Rudi Renato Jr. é escritor, poeta, autor dos livros: *Mania* (Livronovo, 2018); *E quando a flor um sorriso* (Primata, 2019); *Espiritual* (Primata, 2021); *A pororoca* (Bestiário, 2023, escrito em parceria com Sérgio Canarim); *Densos delírios* (Invencionática, 2023) e *Poemas para ler em silêncio* (Invencionática, 2023).

Sandra Santos¹

Fragmento do dia

A abelha Guaraipo recolhe na corbícula um último carregamento de barro.

A Jataí apressada ignora uma linda florada de unha-de-gato.

As lavadeiras das planícies ouvem os rugidos do céu e recolhem suas roupas do rio.

As serras das araucárias já multiplicam suas cascatas nas encostas.

O rio das Antas tornou-se caudaloso e desce furioso para o encontro das águas.

A criatura humana encanta-se com as estrelas de pixel.

Conecta-se com muitos e em muitas línguas, mas não sabe a voz de sua Mãe.

Teme o trovão! Teme o dilúvio!

Teme os deuses!

Não constrói arca alguma!

Não demora, o concílio dos rios anuncia a próxima catástrofe!

¹ Sandra Santos é gaúcha, coordenadora do Centro Cultural Castelinho do Alto da Bronze.

Thomaz Albornoz Neves¹

Durante a inundação

Tempo de acertos de contas. De terra sem lei
[e salva-vidas.

Em Candelária nasceu a vó Lira
Se 1903 fosse hoje, talvez o pai não existisse.

Quem escreve durante a inundação? O coração
[em cinzas por tudo.

Entre centenas de mortos e de perdidos o bem aceso
[a cada resgate.

A conta é humana, não estima os ovos da cobra
[na toca alagada

a enxurrada distante na antena do grilo o cardume sumindo
no ralo de barro.

E no escuro, água pelo ombro,
o vizinho esquece de saquear o vizinho.

E no escuro, na tenda do abrigo,
há o fraco e há o forte, ambos descalços.

Buscam culpados e não há inocentes. Em dias,
[o século perde o sentido.

Apesar da poesia, isto não é um poema.

¹ Thomaz Albornoz Neves (1963) é natural de Sant'Ana do Livramento, onde vive.

Vera Ione Molina¹

Cruzando sangas

O céu
mandava água
e ele
não vinha
afastei
o pensamento
das sangas
que cruzaria

Antes da noite
fechar
avistei o tordilho
da cor da barba
encharcada
na porteira
o cheiro
do poncho

O socorro
buzinou
não esperaria mais
a ordem era todos
no abrigo
pros lados da capital.

¹ Vera Ione Molina é de Uruguaiana. Professora do Estado aposentada e revisora de livros de ficção, tem livros publicados desde 1983. Literatura infantil, contos, novelas.

BESTIÁRIO



ARTES & ECOS 

EDITORAL  LUMINA

CASA
VERDE 

